

# MUSEU DA PESSOA

## História

### SEU ULTIMO ANIVERSÁRIO - (José Augusto Pereira)

História de: [José Augusto Pereira](#)

Autor: [José Augusto Pereira](#)

Publicado em: 22/05/2012

## História completa

NOSSA HISTÓRIA - José Augusto Pereira SEU ULTIMO ANIVERSARIO - Sua história de vida foi muito curta, durou apenas vinte e oito anos, dos quais, sete anos foram ao meu lado. Ela não chegou a ser uma celebridade, mas à única mulher que me faria mudar da capital paulista para o distrito de Santa Eudóxia – São Carlos. Em São Paulo conheci Elisabeth e os seus encantos: cabelos dourados, olhos verdes azulados, rosto arredondado e um sorriso de contagiar. Eu mineiro recém chegado de Acaiaca (região de Ouro Preto), trabalhava e estudava na capital. Ela vinha do interior com o avô e o irmão, para visitar parentes na cidade. O brilho dos seus olhos, seu jeito simples e honesto fez-me arrepiar. Química ou cupido, me apaixonei por aquela moça maravilhosa. Namorávamos mais por correspondência com cartas (varias por dia) escrita com palavras de amor, carinho e paixão. Casamos em Santa Eudóxia e morávamos na capital. Ela gostava do mar e no fim de semana sempre que podíamos freqüentávamos a praia. De mãos dadas gostávamos de passear nos parques, ir ao cinema e não dispensávamos uma boa noitada no baile. Quando nasceu nossa primeira filha, um neuropsiquiatra, informou que a minha Bety tinha um coágulo no cérebro que não podia ser retirado cirurgicamente. Confirma o médico que entre outros sintomas e alterações, o coágulo poderia apresentar um transtorno de memória desencadeado por craniocéfálico. Segundo ele, enquanto eu trabalhava durante o dia e estudava a noite, seria um risco deixá-la sozinha com minha filha recém nascida. Foi por isso que transferimos residências para Santa Eudóxia, onde ela nasceu e possuía parentes e amigos. Aqui, com dificuldades construímos uma nova vida como comerciante. Mesmo com suas crises passageiras, procuramos sempre que nos sobrava tempo, exercer diversas atividades em benefício da comunidade. A paz e a tranquilidade do lugar, a qualidade do povo hospitaleiro e amigo, diminuía a freqüência das crises e assim conseguimos transformar a nossa vida num paraíso de felicidade. Ela gostava de se vestir bem, se produzir e de dançar... Como gostava de dançar. Fiz parceria com Dorival Mulher (dono do Salão de Festa), exibia filmes e fazia bailes com uma discoteca que animava os fim de semana. Ela me acompanhava no trabalho e na dança. Como a maioria dos casais a gente se amava, brigava, discutia, conversava e divertia. Um dia por causa de uma nova doença, minha Bety se submeteu a uma cirurgia que lhe tirou a maior parte do intestino delgado. Na minha vida estas foram as piores oito horas de espera. Triste e desesperado, sempre culpava o homem civilizado que pulverizava o mundo com suas armas atômicas. Criticava a ciência que não conseguia varrer da terra, da água e do ar os efeitos da radiação nuclear, que naquele momento podia estar amputando um pedaço de mim. O dinheiro mal dava para comprar a caríssima bolsa para colestomia drenável, recomendada para uso diário. Minha esposa desde aquela demorada cirurgia esperava o transplante indicado para casos especiais de falência intestinal. Daí em diante a vida de minha Bety se resumia em ficar ausente de casa fazendo tratamentos radioterapêuticos nas cidades de Jaú, Ribeirão Preto, São Paulo e Campinas. Num sábado do mês de junho, ela retornou para nossa casa deixando todos satisfeitos. Coincidentemente no mesmo dia ela completava vinte e oito anos. Preparamos uma festa surpresa para comemorar a sua volta e seu aniversário. Dona Creufê emprestou o dinheiro; Carminha, Iraides e Bel cuidaram de vestir e embonecar as crianças; Nelsinho, Tonho, Valdir e Carlos foram os churrasqueiros; Ângela, Antonia e Odete prepararam os salgadinhos; Luiz Carlos, Moacir e Dirceu serviram as bebidas, Jacira, Ivone e Marta confeitaram o bolo e Dona Antonia, Gracinda e João de Andrade cuidaram da lista de convidados. Nossa discoteca “Aquários” embalou o baile até a madrugada. Centenas de pessoas compareceram para homenagear a minha Bety. Até Dona Marta (minha mãe), com mais de oitenta anos de idade veio lá das Minas Gerais, para visitar e cumprimentar a nora. Muitos lhe trouxeram presentes e carinho. Toda produzida por Rosa Maria (sua prima do coração) ela estava encantadora, vestida de beleza e elegância. Na hora de cortar o bolo, com o primeiro pedaço na mão, gritou para todos, o seu principal desejo: “Quero sarar, para compensar e amar o meu marido e juntos podermos criar e educar os nossos filhos”. Não teve quem não chorasse. E assim, ela agradeceu a Deus por mais um dia de vida e de alegria que há muito tempo lhe faltava. Elisabeth Matioli Pereira (1952 - 1980), oito meses depois do seu ultimo aniversario partiu para uma outra vida. Hoje eu e os três filhos Elayne, Gislayne e Jean ainda sentimos saudades, mas com isso ficamos mais fortes e mais resistentes à dor. Sempre somos gratos à solidariedade e o apoio deste povo maravilhoso de Santa Eudóxia. Na jornada de nossa história sabemos que não foi fácil, mas com muita luta e superação, enfrentamos os dias mais difíceis. Graças à proteção dessa senhora que o nosso Criador quis que fosse para o Céu, para nos proteger e, nos ajudar lá de cima.